
Dossiê: Identidades e sexualidades hegemônicas e contra-hegemônicas. Feminidades e masculinidades em tempos autoritários

<http://dx.doi.org/10.34019/2594-8296.2020.v26.29804>

Toda a Biologia é *queer*: subjetivação e diversidade

All Biology is *queer*: subjectivation and diversity

Toda la Biología es *queer*: subjetivación y diversidad

José Luís Ferraro*

<https://orcid.org/0000-0003-4932-1051>

RESUMO: Ao sustentar o argumento de que toda a Biologia é *queer* o presente trabalho tem como objetivo jogar luzes sobre a importante discussão que diz respeito ao uso equivocado do conhecimento biológico frente à complexidade da temática da construção das identidades de gênero e sexual. A instrumentalização negativa dessa ciência e a ingenuidade relacionada à sua compreensão discursiva produzem uma série de erros comumente utilizados para a manutenção dos corpos *queer* em uma condição de anormalidade no interior de uma sociedade patriarcal, heteronormativa e binária. Assim, o artigo pretende mostrar que a Biologia se funda por essência na – e pela – biodiversidade e que sua epistemologia compreende os modos de existência *queer*, embora não exista nenhum tipo de determinismo biológico, mas arranjos singulares responsáveis pela constituição dessas subjetividades – processos de individuação relacionados às formas de desejo, aos modos de afecção e às performances, produzindo na condição contra-hegemônica dos sujeitos *queer* formas de resistências possíveis.

Palavras-chave: Biologia. *Queer*. Identidades de gênero e sexual. Individuação. Processos de subjetivação.

* Professor pesquisador dos Programas de Pós-Graduação em Educação e Educação em Ciências e Matemática da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). *Visiting Research Fellow da University of Oxford* (Reino Unido) e Professor Visitante da Universidade de Coimbra (Portugal). Doutor em Educação e Mestre em Biologia Celular e Molecular é Licenciado em Ciências Biológicas. Desenvolve pesquisas no campo da Educação que se circunscrevem no âmbito da cultura, do currículo e dos processos de subjetivação na contemporaneidade, bem como no da epistemologia relacionada à Filosofia da Biologia. E-mail: jose.luis@pucrs.br

ABSTRACT: By supporting the argument that all Biology is *queer*, this paper aims to shed light on an important discussion regarding the mistaken use of biological knowledge related to the complexity of gender and sexual identities construction theme. The negative instrumentalization of this science and the naivety related to its discursive understanding produces a series of errors commonly used to keep *queer* bodies in an abnormal condition in a patriarchal, heteronormative and binary society. Thus, the article intends to show that Biology is essentially based on – and by – biodiversity and its epistemology comprises *queer* modes of existence, although there is no type of biological determinism, but singular arrangements responsible for the constitution of these subjectivities – individuation processes related to forms of desire, modes of affection and performances, producing in the counter-hegemonic condition of subjects *queer* forms of possible resistance.

Keywords: Biology. *Queer*. Gender and sexual identities. Individuation. Subjectivation processes.

RESUMEN: Al sostener el argumento de que toda la Biología es *queer*, el presente artículo tiene como objetivo arrojar luz sobre una importante discusión acerca del uso equivocado del conocimiento biológico frente a la complejidad del tema de la construcción de las identidades de género y sexual. La instrumentalización negativa de esta ciencia y la ingenuidad relacionada con su comprensión discursiva producen una serie de errores comúnmente utilizados para mantener los cuerpos *queer* en una condición anormal en el interior de una sociedad patriarcal, heteronormativa y binaria. Por lo tanto, el artículo tiene la intención de mostrar que la Biología se basa esencialmente en – y por – la biodiversidad y que su epistemología comprende modos de existencias *queer*, aunque no hay ningún tipo de determinismo biológico, sino arreglos singulares responsables por la constitución de estas subjetividades – procesos de individuación relacionados con las formas de deseo, modos de afección y performances, produciendo en la condición contrahegemónica de los sujetos *queer* formas posibles de resistencia.

Palabras clave: Biología. *Queer*. Identidades de género y sexual. Individuación. Procesos de subjetivación.

Como citar este artigo:

Ferraro, José Luís. “Toda a Biologia é *queer*: subjetivação e diversidade”. *Locus: Revista de História*, 26, n. 1 (2020): 172-188.

Introdução

O presente trabalho sustenta o argumento de que toda a Biologia é *queer* porque a mesma se constitui como ciência que se funda a partir da biodiversidade ao considerar a evolução biológica como seu eixo estruturante. É a partir do processo evolutivo que tudo é compreendido. Como afirma Dobzhansky (1973), nada faz sentido, senão à luz da evolução.

Para tanto, a argumentação se vale da necessidade de uma Biologia que não esteja apartada do debate social, mas como fundamento de demandas relacionadas à comunidade LGBTQI+. Para tanto, faz-se uma crítica à *instrumentalização negativa* da Biologia e à ingenuidade discursiva associada a essa ciência, que consiste na perpetuação de equívocos colocando-os como *doxa* (Bourdieu 1993; Bourdieu e Eagleton 1992), confundindo conhecimento biológico e crenças injustificadas – típicas do senso comum.

Contrário a essa proposição me sirvo da análise dos processos de individuação e de singularização, bem como seus modos de subjetivação inerentes, para demonstrar que a construção das identidades de gênero e sexual independe de qualquer tipo de determinismo biológico e que o próprio conhecimento que se produz no interior dessa ciência, desde que corretamente compreendido e aplicado, nada mais faz senão corroborar à naturalização da expressão de modos de existência potentes.

Por fim, o trabalho articula tais elementos com a dimensão da governamentalidade, observando como uma mudança de postura – embasada pelas contribuições de uma Biologia *queer* – poderá produzir impactos sobre como poderão ser pensadas biopolíticas que têm como alvo a população LGBTQI+.

A centralidade do problema

A origem do termo *queer*, embora pré-existente na Língua Inglesa – onde sua utilização dá-se de forma pejorativa – se confunde com a história das lutas da comunidade que é hoje denominada de LGBTQI+. Sob essa perspectiva, tal expressão se potencializa, deixando de denotar apenas aquilo seria *estranho*, *anormal* ou *desviante* – empregada, assim, como sinônimo ou referência à homossexualidade, bem como a comportamentos ou expressões que fogem de um padrão heteronormativo. O *queer* passa, então, a compor outras conotações, a ter outros significados; estes relacionados às práticas de emancipação e de reafirmação das diferenças – como base das constituições identitárias deste grupo – sob uma perspectiva crítica. Nesse sentido, o *queer* se coloca como expressão da diversidade, buscando não apenas visibilidade ou reconhecimento, mas emancipação (Louro 2001; Louro 2018).

O que de fato existe na discussão em torno do *queer* são reivindicações de modos de existências singulares. São diferentes indivíduos em suas distintas formas de composição de suas vidas que ampliam a mirada para a diversidade dos corpos, dos comportamentos, das personalidades. Assim, o *queer* passa a ter uma fundamental importância para a humanidade exatamente por produzir realidades individuais, modos de vida únicos, não binários e, portanto,

mais potentes que perturbam a tranquilidade da norma (Silva 2002); de uma heteronormatividade que se impõe como vigente.

Michel Foucault ao estudar o *poder disciplinar* e a *governamentalidade*, nos apresenta a importante relação que a humanidade estabeleceu com a normalização ao longo da história. Em *Vigiar e punir* (Foucault 1999), o filósofo mostra como o corpo se converte em território passando a ser inscrito numa *economia de poder* – sendo passível de uma correção que estaria a serviço de uma produtividade expressa pela relação direta dos elementos do binômio *docilidade/utilidade*. Isso significa dizer que quanto mais docilizados os corpos – pela aplicação do poder disciplinar com a finalidade da correção –, mais produtivos eles também se tornam. Sob essa lógica, a normalização associa-se à – ou depende da – correção.

Já em *Segurança, território e população* (Foucault 2008a), o foco do exercício do poder não se concentra mais nos corpos, mas se expande para a dimensão social com a emergência da *população*. Este conceito biológico aparece na história quando passa a haver o reconhecimento do coletivo humano associado à categoria taxonômica de *espécie*. Assim, o surgimento de uma população humana – compreendida como agrupamento de seres humanos que coabitam e coexistem – é essencial para a transição entre modelos de formas de governar. A população é o elemento central que permite a atribuição de um valor – no sentido axiológico – à vida humana.

Essas formas de vida, assim organizadas na transição entre Feudalismo e o Mercantilismo, é que passam a ser o foco de um poder que – então – deixa de ser exercido por um soberano para a ser exercido por um governante. Um poder soberano que dispunha sobre a vida e a morte das pessoas se transmuta passando a ter como imperativo o “fazer viver”, assumido como compromisso dos governantes que passam a agir orientados por uma razão de Estado (Foucault 2008a; Foucault 2016). Assim, mecanismos de vigilância e controle começam a ser estrategicamente pensados e a ser exercidos sobre a população para identificação de padrões de distribuição, dispersão e de circulação das coisas e das pessoas. O governante deve conhecer porque precisa fazer a gestão dos riscos e, para tal, necessita estabelecer critérios de normalidade.

Este é o ponto que gostaria de enfatizar: ao examinar a *governamentalidade*, Foucault nos mostra que a *norma* – ou a normatização – é sempre posterior ao desejo de normalização: é a normalidade que, anteriormente, se projeta em sua virtualidade como cenário desejado ou condição a ser atingida. (Foucault 2008a). Penso em uma situação “ideal” antes de desenhar mecanismos normativos que possam me conduzir a ela. Isso significa dizer que os modos de existência *queer* poderiam ser reconhecidos, tendo seus direitos garantidos se as bandeiras de luta da comunidade LGBTQI+ pudesse, também, estar contempladas no horizonte de uma agenda social inclusiva que

contribuísse para a superação da heteronormatividade e do binarismo como condições que se impõem.

A inclusão e a hospitalidade como horizonte na aceitação do outro, do estrangeiro, daquele diferente de nós – tal qual no sentido levinasiano e derridiano (Levinas 1980; Derrida 1999; Derrida e Dufourmantelle 2014). Eis uma tarefa que se apresenta em toda a sua complexidade, pois requer mudança. Lidam-se com elementos culturais e, portanto, semioestéticos, que organizam nossa vida em sociedade como parte de uma tradição patriarcal heteronormativa, binária, machista e inflexível. Um discurso que se apropria dos sujeitos de diferentes gêneros, tamanha é sua força e poder de persuasão. A cultura como o grande filtro que nos permite compreender os signos da realidade, compartilhar modos de representação e, portanto, significação – de acordo com a perspectiva dos estudos culturais (Hall 2014) – ganha um importante reforço da própria ciência para a manutenção do *status quo* social.

Nesse sentido a ciência, mais do que um empreendimento metodológico, deve ser compreendida como discurso. Um discurso para a mudança, cujos enunciados conduzem “as regras do jogo científico” ou como diria Bourdieu, os modos de regulação sobre como os agentes do campo científico podem e/ou devem seguir para se deslocarem em seu interior (Bourdieu 1991). Assim, ao não compactuarmos com estes pressupostos enunciativos, somos automaticamente excluídos deste campo. O que quero explicitar com isso é que como qualquer discurso, o científico apresenta-se empoderado e, em sua origem apresenta as mesmas assimetrias de gênero visíveis na sociedade. Ainda, a crença na ciência impacta sobre os modos como me desloco no interior de outros campos, assim a ciência também surge como elemento referencial da conduta humana.

Apresento esse argumento, fundamentalmente, porque o postulado desse trabalho se encontra desde o seu título: toda a Biologia é *queer*. Isso significa, em primeiro lugar, subverter uma lógica equivocada de emprego de justificativas biológicas na defesa da manutenção do que de forma totalmente sem sentido tem se denominado de “ideologia de gênero”¹. A isso refiro-me como sendo uma *instrumentalização negativa*² da Biologia, como tentativa de empoderar – sob um suposto crivo ou alegação científicos – ainda mais a heteronormatividade tomada como padrão de normalidade; e que é incompatível com o estatuto epistemológico dessa ciência que tem a evolução biológica como seu eixo estruturante, pautando a importância da diversidade.

Em segundo lugar, a relevância da discussão em torno da *instrumentalização negativa* da Biologia busca dar visibilidade à condição falaciosa de discursos que soam como verdades,

¹ Na França, *théorie du genre*, segundo Garbagnoli (2014).

² Enunciados equivocados de que a homossexualidade teria um fundo genética e poderia ser passível de correção por uma suposta reprogramação gênica ou que os genes determinam gênero e sexualidade, são exemplos da instrumentalização negativa da biologia.

exatamente pela suposta argumentação científica que estaria sustentando o erro de compreensão que passa despercebido, mas que desacertadamente assume *status* de verdade. Esse é um debate premente e contemporâneo, considerando a sociedade pós-democrática na qual vivemos e os modos como temos sido alvejados pelo senso comum, pelas pós-verdades e pelas *fake news*.

Considerando a pós-democracia que tem como marca a relativização das leis e da própria ciência, fazendo-as servir aos interesses de quem detém o poder, este artigo pretende marcar posição, dizendo um sonoro “Não!” à instrumentalização negativa da Biologia empregada como fundamento à falaciosa ideologia de gênero. Trata-se de reafirmá-la em sua positividade relacionada à expressão da sua potência como ciência que toma a vida por objeto e cujos conceitos devem ser utilizados como ferramentas de luta, resistência e reafirmação das alteridades *queer* como modos de existência potentes; garantindo sua inclusão, aceitação e não marginalização.

Toda a Biologia é *queer*

Antes de enfrentar e ampliar a discussão em torno da proposição desse trabalho, creio que seja necessário situá-lo em termos de argumentação em um horizonte teórico, paradigmático. Ao propor uma crítica não apenas à *instrumentalização negativa* da Biologia, mas também aquilo que chamaremos de *discurso biológico ingênuo*³ – em seu sentido acrítico – e que se impõe de maneira equivocada não pela má intenção, mas pela força do costume e da falta de reflexão – e por isso ingênuo –, a presente discussão marca posição inscrevendo-se no interior de uma abordagem crítica; visando, nesse sentido, uma desconstrução anterior a reafirmação da vida, enquanto objeto dessa ciência, como vontade de poder.

Assim, como em Nietzsche, a ideia de *devenir* está relacionada à multiplicidade daquilo que as formas de vida podem *vir a ser*, à referência que o filósofo alemão faz à *vontade de potência* (Nietzsche 2011). É a partir disso que compreendo que a Biologia, uma vez refém da *instrumentalização negativa* ou do *discurso biológico ingênuo* que servem ao pensamento binário e excludente, é sabotada por ser despotencializada. Faz uma falsa promessa quando é reduzida dessa forma, mas ao mesmo tempo se apresenta como a ciência da vida, compreendendo sua diversidade. Logo, o que pretendo operar com este artigo é uma desconstrução.

A desconstrução como corrente teórica alcança sua máxima expressão na obra de Jacques Derrida (Derrida 2001). Ao propor o *desconstrucionismo*, o filósofo coloca em suspeição não apenas questões éticas, filosóficas, literárias e sociopolíticas – situadas em contextos históricos específicos

³ O *discurso biológico ingênuo* consiste na crença irrefletida e, portanto, ingênua – acrítica – em enunciados biológicos instrumentalizados negativamente. É o que associa a Biologia ao senso comum produzindo pseudoverdades utilizadas como falsas justificativas para argumentos que pretendem se passar por científicos.

–, mas também a organização da ciência moderna e a própria metafísica com seus dualismos por ela herdados e verificáveis a partir do jogo entre o *verdadeiro* e do *falso*. Assim, ao constatar a existência de uma assimetria entre conceitos em oposição, Derrida vai além ao propor uma inversão hierárquica que desconstrói genealogias conceituais e estabelece novas/outras relações possíveis que acabam por nos conduzir a um lugar outro: o espaço não tão seguro das ambivalências.

Para Derrida, algo que parece estar fora de um sistema se encontra dentro do mesmo e aquilo que parece natural, tem uma origem histórica. Isso significa dizer que na oposição entre heterossexualidade e homossexualidade o que se produz é uma necessária interdependência conceitual; onde para o heterossexual reafirmar sua existência, é necessária a existência do homossexual em oposição (Derrida 2004). Trata-se, também, disso: propor uma inversão – uma oposição entre a vida e o vivo – que busca a correção de um erro histórico que começa quando compreendemos a Biologia como ciência da vida; quando, na verdade, seu estatuto epistemológico só se torna possível a partir de uma série outras ciências, ditas biológicas, que focam na especificidade dos seres vivos.

Em *As palavras e as coisas*, Foucault trata da emergência da Biologia a partir da História Natural (Foucault 1999b). Na transição entre as *epistemes* clássica e moderna, o filósofo nos permite observar no deslocamento histórico, a complexificação da formação discursiva da História Natural à Biologia. A partir de seu empreendimento arqueológico (Foucault 2007), o autor apresenta as condições de possibilidade para a emergência de um discurso biológico mais abrangente que permitiu que a vida abandonasse sua condição singular presente na História Natural, para outra – coletiva – de traços comuns expressa, agora, por um *discurso sobre a vida* (Foucault 1999b). É essa nova racionalidade sobre a vida que possibilitou a emergência da população como nos referimos anteriormente (Foucault 1999b). Uma população humana que se organiza como espécie e que precisa ser governada.

Isso significa dizer que a vida que surge como formação discursiva é que se torna o alvo das práticas de governo. A Biologia não extinguiu a História Natural, mas a superou na medida em que os seres vivos como efeito da anatomia, da zoologia, da botânica e da sistemática, também passaram a ser o das demais ciências biológicas: bioquímica, biofísica, evolução, ecologia, genética, micologia, microbiologia, biologia celular, histologia, parasitologia, embriologia, ficologia, etc. Entre a História Natural e à Biologia verifica-se uma complexidade na formação discursiva pela emergência de novos ramos de estudo das formas vivas, expressos pelas ciências biológicas. Cada uma delas tomando os seres vivos com um propósito ou, até mesmo, tendo como foco a especificidade de determinados grupos. É nesse sentido, que passam a surgir enunciados que

definem o que é vida pelo que de comum os seres vivos compartilham e por suas diferenças com os seres não vivos.

Tal virada epistemológica se dá a partir de Georges Cuvier – naturalista que viveu entre os séculos XVIII e XIX –, quando passa a desenvolver estudos de anatomia comparada, associando às estruturas anatômicas a ideia de funcionalidade (Foucault 1999b). Assim, a própria anatomia, ciência biológica estática, abre caminho para o que viria ser a fisiologia. Segundo o próprio Foucault em *A ordem do discurso* (Foucault 2008b) se foi Charles Darwin que torna Gregor Mendel e a genética mendeliana possível, arrisco a dizer que foi Cuvier que tornou, por sua vez, Darwin e a teoria da Evolução – postulada juntamente com Alfred Russell Wallace – possível.

A questão colocada para a sustentação de que toda a Biologia é *queer* passa pela compreensão da evolução biológica, mais especificamente da biodiversidade como resultado do processo de seleção natural, e da inexistência da relação entre o biológico e algum tipo de determinismo, mas com arranjos singulares que se produzem como acontecimentos e influenciam processos genéticos, ontológicos, evolutivos e etológicos. Ou seja: são esses agenciamentos que, no interior da Biologia, produzem as singularidades, a diversidade, evidenciando a diferença como o processo de tornar-se diferente. Deve-se, assim, enfatizar a diferença como movimento que se materializa e verifica na produção do diferente nessas perspectivas que poderiam ser avaliadas pela perspectiva ecológica que as contempla – considerando a ecologia (*οικολογία*) como o “estudo da casa” (*οικος + λογος*), responsável pela totalidade da trama das relações entre seres vivos; e destes com ambiente em que vivem.

Logo, o *diferente* é ponto de chegada. *Toda Biologia é queer* exatamente pelo fato de que é pautada pela evolução como constante transformação, como *dialética da vida* no cerne de uma Biologia que se produz e se afirma de maneira paradoxal: sua epistemologia se funda na *diferença*, mas sua organização científica busca uma condição normativa que busca afastar as imprecisões, o desvio as ambivalências. Se por um lado é imperativo pacificar a classificação – encontrando para todos e cada um, algum lugar específico –, por outro, a biodiversidade é celebrada no interior de um discurso sobre a vida que pretende organizar o caos da natureza.

Chegamos aqui à ideia de processo. Se o diferente é o eterno devir da evolução, ponto de chegada em um estágio que se abre à multiplicidade sempre inacabada de tornar-se outro – a partir de variações ambientais que se apresentam como fatores limitantes ou de aspectos genéticos que podem estar relacionados ao acaso – faz-se necessário, para que possamos debater possibilidades para uma Biologia *queer*. Para tanto, devemos considerar aquilo que Gilbert Simondon e Gilles Deleuze denominaram de *processos de individuação* e de *singularização*, respectivamente.

Assim, a partir de elementos da *individuação* e da *singularização* – associados a conceitos da Biologia – serão evidenciados aspectos que demonstram o quanto a natureza dessa ciência ampara e advoga a favor de modos de existência *queer*, não podendo sob nenhuma hipótese, ser utilizada como argumento da manutenção discriminatória – seja pelas vidas de sua *instrumentalização negativa* ou de um *discurso biológico ingênuo* –, mas como embasamento para uma vida potente, que contribua para a liberação dos modos de existência *queer* – e suas construções identitárias de gênero e sexualidade não hegemônicas – de toda e qualquer condição heteronormativa e binária que se impões como desejo de sua aniquilação.

Processos de individuação e singularização: fundamentos para uma Biologia *queer*

Inicialmente, meu desejo neste ponto é o de esboçar múltiplas conexões entre o processo evolutivo, os processos de individualização e subjetivação e a produção de corpos *queer*, evidenciando que o discurso biológico se torna potente sustentando modos de vida *queer*, afastando assim a *instrumentalização negativa* e o *discurso biológico ingênuo* que nos conduzem não apenas ao erro conceitual, mas que surgem como potências destrutivas porque sua pecha de cientificidade acaba por apartar (in)conscientemente a Biologia de temáticas sociais prementes. Nesse sentido, trata-se de produzir agenciamentos horizontais tal qual o conceito de *rizoma* em Deleuze e Guattari, estabelecendo linhas de conexão entre estes elementos que serão percorridas por fluxos de desejo (Deleuze e Guattari 2011). Aqui o desejo se materializa, exatamente, pela vontade de buscar a trama das relações entre estes polos que justifique que *toda Biologia é queer*.

Quando Charles Darwin e Alfred Russel Wallace postularam a evolução biológica como teoria, talvez não tivessem imaginassem como seus postulados transformariam o mundo. A relação entre seres vivos e meio ambiente expressa por meio da luta pela sobrevivência – a qual foi denominada de *seleção natural* – surge como resultado do processo evolutivo (Darwin e Wallace 1858). Um século depois de Hegel e no mesmo de Marx, sem perceber, Darwin e Wallace apresentavam a evolução como dialética da vida: vida e meio em íntima relação expressa pela resposta dos seres vivos às pressões seletivas, aos fatores limitantes ambientais.

Assim, a evolução surge para explicar o que já havia sido uma preocupação de Jean-Baptiste Lamarck: a origem da diversidade e da capacidade adaptativa dos seres vivos. Naquele momento, as modificações, as transformações eram expressas na superfície e se resumiam ao visível: as cores, as formas, o tamanho das estruturas, bem como a presença e/ou ausência destas naquilo que, até então – ainda –, não constituía o quadro geral das espécies e que só se tornou possível com Darwin-Wallace. A questão que deve ser colocada a partir disso é que antes da Biologia, a História Natural

e os naturalistas já se ocupavam da diversidade, mas focavam em um nível individual que passou a compor uma individualidade coletiva expressa pela espécie enquanto categoria taxonômica. A evolução das formas vivas passava a explicar a biodiversidade pelo mecanismo de seleção natural de forma não orientada.

A partir da evolução biológica, podemos afirmar que a história da Biologia também passa a ser a história dos modos de individuação e processos de singularização como forma de resistência. Nenhum ser vivo passa incólume considerando a totalidade do processo evolutivo. Por menor que seja, há algum tipo de expressão como resposta aos estímulos do meio: a isso denominamos de irritabilidade. Logo, o sucesso evolutivo de uma determinada espécie passa pela capacidade de resistir às modificações impostas pelo ambiente, mesmo que isso implique em modificações pontuais de suas estruturas – hoje sabemos que não apenas externas, mas também internas como os genes e a bioquímica envolvida em processos fisiológicos – em direção a uma condição adaptativa que lhes permita a continuidade de sua perpetuação.

É por meio da evolução que a Biologia passa a ser compreendida como a ciência que toma a diversidade da vida como objeto. Afirmar que ela é a ciência da vida, no entanto, soa como impossibilidade pela polissemia do termo, senão com a ressalva de que ela passa a se constituir como a ciência das formas de vida e portanto, da biodiversidade. É por isso que tenho sustentado que toda a Biologia é *queer*. A evolução biológica construiu-se não o quadro geral da normalidade, mas estipulou-se o grau de parentesco – proximidade e distância – de individualidades compreendidas como formas de vida singulares.

A organização biológica poderia surgir como condição normal apenas se considerarmos os critérios de classificação – que fazem dela, também, artificial. Ou, ainda, se considerássemos uma coerência dos modos de fazer da Biologia enquanto ciência, que produz um estatuto epistemológico inserido em uma lógica daquilo que Thomas Kuhn denominou como sendo a “ciência normal” (Kuhn 1994). E aqui ao nos referirmos à obra de Kuhn e ao conceito de ciência normal – e, por consequência, aos paradigmas que podem ser encontrados em seu interior – reiterando que o autor também considera a existência de uma “ciência extraordinária” como novos/outros paradigmas e anterior à consolidação da revolução científica.

Este é o ponto: a Biologia *queer* surge como “ciência extraordinária” dizendo alguns sonoros não a paradigmas que não mais atendem as demandas da contemporaneidade quando se trata de enfrentarmos a temática da diversidade de gênero e sexual, bem como da construção de identidades a elas relacionadas. É preciso reafirmar outros paradigmas que sustentem, de fato uma Biologia que lute por uma reafirmação da biodiversidade e pela existência não marginalizada de formas de vida contra-hegemônicas e semioticamente decodificadas no que tange à sexualidade ou às formas de

identificação, expressão e orientação sexual. Máquinas de guerra, nômades, sendo, portanto, *desterritorializadas* como se referiram Deleuze e Guattari (Deleuze e Guattari, 2000; Guattari, 2011).

Para compreendermos a relação entre a evolução biológica como produtora da biodiversidade e o que sustenta o argumento de uma Biologia *queer* é preciso compreender como a diferença se produz no ser humano. A espécie humana se torna o foco porque o termo *queer* diz respeito à uma condição dissonante, expressa formas de resistência singulares que se dão em um nível individual-subjetivo.

Gilbert Simondon foi decisivo para explicitar os mecanismos da *individuação como processo*. Isso significa estudar a ontogênese do indivíduo a partir de um *princípio de individuação* que não se confunde com o processo em si, mas que é parte do mesmo. Assim, a individuação é o ponto de chegada, um processo em eterno *devenir*, inesgotável pela sua potência (Simondon 1964; Simondon 1989).

É preciso destacar que Simondon não foi o primeiro a preocupar-se com a individuação, mas propôs uma mirada diferente sobre como nos individualizamos. O filósofo francês parte de duas correntes de pensamento: a *substancialista* e a *hilemórfica*. A substancialista é atomística e considera o indivíduo uno, como um núcleo estável. A hilemórfica, por sua vez – em sentido oposto – considera o indivíduo a partir da associação da matéria (*hylê*) e da forma (*morphê*). Se na primeira o ser vivo estava fundado em si mesmo sendo considerando inengendrado, na segunda observa-se a possibilidade de um indivíduo engendrado por ser cindido, porque a ele se atribui, exatamente uma matéria (como potência) e uma forma (como ato): o indivíduo potente como “ser”, cuja condição de ser é o ato, a ação (Simondon 1964; 1989).

Tanto em uma, quanto em outra há a pressuposição de um princípio que dirigiria o processo de individuação: um princípio de individuação anterior à existência do próprio indivíduo, do próprio ser. O que Simondon faz é deixar de explicar a individuação anterior a existência do indivíduo, focando como ponto de partida o próprio ser já constituído. Olha para o princípio de individuação ao longo da ontogênese desse indivíduo que já se constituiu. Esse posicionamento o permite partir de uma condição de hecceidade como marca primordial ou originária do ser constituído que pode devir em hecceidades múltiplas. Assim, o princípio de individuação poderia ser compreendido como um princípio de hecceidade (Simondon 2009).

Assim, é preciso reconhecer os momentos. O princípio de individuação empreendido no processo de individuação, sua operação e a materialização de um indivíduo constituído. Este, por sua vez, deve ser compreendido como uma realidade relativa, pré-individual exatamente porque a individuação é *devenir*; nunca termina. Assim, o processo faz aparecer um indivíduo-meio que se encontra entre a pré-individuação e a pós-individuação. Simondon faz referência às forças que

conduzem esse processo, denominando tal indivíduo como metaestável (Simondon 1964; Simondon 1989).

O indivíduo como sistema metaestável está sempre aberto às possibilidades de devir outro. Assim como a vida para a Biologia, configura-se como um reservatório de potências. É nesse sentido que Simondon ressalta que um indivíduo – como resultado do processo de individuação – nunca será “todo” ser: ele sempre habitará uma condição pré-individual, o que significa dizer que ele permanece sempre sendo. Assim, por esta lógica, Simondon afirma que o indivíduo é sempre um ser defasado⁴ em relação a si mesmo e que a individuação aparece como resolução de um sistema vivo a uma condição problemática (Simondon 1964; Simondon 1989; Deleuze 2003).

O filósofo se dedica a compreender como o indivíduo-meio, o metaestável – se individua a partir de um antes e um depois. Para ele o indivíduo que é sempre resultado e meio de sua própria individuação está constantemente reinventando suas estruturas para adaptar-se, reorganizando suas forças. Entre o antes e o depois, passando pela condição metaestável existe uma diferença de energia potencial. Essa diferença é sempre a fonte de possíveis novas individuações. Logo, o indivíduo é um ser que se resolve parcialmente defasando-se em relação a si mesmo (Simondon 1964; Simondon 1989; Pelbart 1998).

Sob a lógica da individuação não há espaço para considerarmos a estabilidade, pois essa é uma condição definitiva, totalizante. É preciso ser estável suficiente, portanto, metaestável para devir. A vida torna-se individuação perpétua conduzida por dois conceitos introduzidos por Simondon: *ressonância interna* e *informação*. É a partir deles que os vivos se resolvem com o meio, também no processo evolutivo. A relação adaptativa no ser humano dá-se por *ressonância interna*, que é a forma como os seres vivos se comunicam com – ou captam a – realidade externa; e por *informação*, o meio como o ser vivo se torna o elo que comunica os estágios pré e pós-individuação: ou seja, como ele conecta momentos díspares de estágios de individuação relacionando-se com a forma e/ou com a significação (Simondon 1964; 1989; Deleuze 2003).

Em um contexto sociocultural essa relação está bem compreendida, afinal, a ressonância poderia ser expressa a maneira como o indivíduo percebe e/ou recebe o sistema simbólico-cultural, a semioestética, e por informação como ele conecta em termos de percepção daquilo que ele está sendo no momento presente com a percepção daquilo que ele pode devir. Assim o a pré-individualidade se depara com uma fase denominada de *problemático*, que será considerada o primeiro momento do ser. Logo em uma fase posterior de *adaptação*, estabelece uma relação com o

⁴ Embora haja essa convicção, Simondon afirma que no caso da individuação biológica essa defasagem pode ser mitigada pelo fato de que nos seres vivos o processo de individuação também requer modificações ou produção de novas/outras estruturas internas que ocorre durante a auto-modulação anterior à constituição do indivíduo.

meio, e pela recepção da informação inicia a uma terceira fase de (auto)modulação, finalizando um dos movimentos de individuação; retornando – novamente – a uma condição de realidade pré-individual (Simondon 1964; 1989; Deleuze 2003).

Se aplicássemos lógica semelhante à evolução biológica, teríamos que observar a individualidade coletivas dos grupos específicos. A *ressonância interna* seria a percepção de determinada população de seres vivos relacionada às pressões seletivas e a *informação* a resposta a uma tentativa de adaptação para uma resolução, que no caso se daria pela continuidade de sua existência, pela sua perpetuação ou não-extinção. Não podemos falar aqui em compreensão de realidades díspares porque, à exceção dos seres humanos, estamos lidando com modos de existência sem capacidade reflexiva.

O fato é que o processo evolutivo, mesmo que observado naquilo que me referi como sendo a individualidade coletiva das espécies, ou seja, indivíduos que compartilham características comuns produz formas de singularização específicas: tanto em nível individual-subjetivo quanto no próprio coletivo que, agora, pode apresentar variantes comuns ou específicas. A singularização como processo – estudada por Deleuze e Guattari – se encontra associada à individuação e consiste na construção da identidade pela diferença, na construção de uma *autorreferencialidade*: uma ruptura que ao mesmo tempo reafirma-se também como forma de resistência como afirma Horkheimer. (Deleuze e Guattari 2000; Horkheimer 2007).

Em Biologia poderíamos falar de uma singularização coletiva ou individual, sendo esta causada por mutações individuais ou pela *epigenética*, que consiste em modificações no funcionamento do DNA que pode ativar ou inibir determinados genes. A singularidade para a Biologia é o que torna únicos os indivíduos em uma coletividade, podendo também se produzir não apenas em termos genéticos, mas ecológicos, a partir das relações em uma comunidade biológica.

Com efeito para uma Biologia *queer*, minha análise em relação ao binômio individuação-singularização se dá mais no campo da produção de subjetividades *queer* que podem – e devem – ter o discurso biológico direcionado a seu favor e não estabelecido com o equivocado imperativo da normalidade subjetiva. A relação feita até aqui com a dimensão evolutiva se justifica exatamente pelo fato de ser a evolução biológica a produtora da biodiversidade, que também é expressa na espécie humana como fruto da individuação e da singularização compondo diferentes formas de composição e de condução dos modos de vida.

É nesse sentido que aproximo a discussão biológica da construção de identidades de gênero e de sexualidade, entendendo que o sujeito *queer* não se produz por nenhum tipo de determinismo biológico, mas que exatamente por isso, é injustificável o uso da ciência em nome de uma tentativa

de supressão de formas de vida potentes que buscam sua reafirmação em uma sociedade estruturada para sua marginalização, exclusão e até mesmo aniquilação.

A subjetividade surge como produto da individuação e da singularização quando analisamos a dimensão das relações *transindividuais*. Guattari se refere à subjetividade por um lado como produto da alienação e da opressão e, por outro, da expressão e da criação (Guattari e Rolnik 2011). Isso significa que se por um lado se produz nos indivíduos uma submissão aos modos de recepção de uma subjetividade que se impõe, por outro a singularização é uma expressão criativa. Assim, para Deleuze e Guattari a singularização inerente ao sujeito é uma forma de resistir na perspectiva da criação – o que inclui a sua própria reinvenção (Deleuze 1997; Deleuze e Guattari 2000). Assim, a subjetividade surge como aquilo que estamos em vias de diferir ao consumirmos a *informação* tal qual apresentada por Simondon em uma situação de disparação.

A subjetividade se expressa como um conjunto de crenças em um determinado tempo. Trata-se, assim, da constituição de uma identidade que só muda quando mudam suas experiências, os hábitos. O sujeito se produz como sujeito em prática. É exatamente por isso que no caso da produção das subjetividades *queer*, é equivocado considerarmos condicionantes biológicos, mas a semiótica, a linguagem, os modos de afecção (Guattari e Rolnik 2011).

Ao que nos conduz(irá) o presente debate

Problematizar os modos de existência *queer* a partir de uma Biologia livre de sua instrumentalização negativa ou de um discurso ingênuo, significa desconstruir discursos viciados, uma espécie de *doxa* no sentido bourdiano, de senso comum. Essa é uma discussão que toca o próprio paradigma positivista de herança metafísica de uma ciência verificacionista, onde é preciso decidir o que é verdadeiro e o que é falso. O binarismo impregnado na contemporaneidade é herança moderna; é isso que de alguma forma deve ser relativizado. À nossa condição contemporânea este tipo de pensamento não produz mais efeito. É a insistência em um modelo ou modo de racionalidade que precisa ser superado que faz com que a Biologia se mantenha à parte do debate social – principalmente no que tange às questões de gênero e sexualidade.

A falácia de que as condições de *homem* ou de *mulher* são determinações biológicas dadas pela herança cromossômica não se sustenta, ao contrário da condição de *macho* ou de *fêmea*. Butler coloca em evidência a discussão em torno da performatividade de gênero, ressaltando a existência de outra que diz respeito à sexualidade (Butler 2007). Assim, devemos nos fastar da crença que o determinismo biológico atua nessas questões. A partir disso, devemos nos questionar a importância de buscarmos a essência dessa questão como insiste a tradição metafísica. Talvez precisássemos

nos preocupar com a existência – aceitação e inclusão – e suas potências como efeitos da expressão das vidas *queer*.

A Biologia precisa reconhecer a ambivalência porque a vida é vontade de potência, é devir, é um sistema aberto, uma expressão do caos que é a própria natureza. Não cabe sua atividade de censora afastando toda e qualquer forma de ambivalência. A Biologia se funda essencialmente na biodiversidade. Uma Biologia *queer*, mais do que nunca traz outros paradigmas, que por sua vez, explicam de forma mais satisfatória o momento presente, com impactos sobre sua própria epistemologia. É preciso usá-la em como forma de resistência, em seu potencial criativo e a favor da defesa da livre expressão de ser-sujeito.

A sustentação argumentativa de uma *Biologia queer* implica diretamente sobre aspectos bioéticos e biopolíticos. Ela provocará uma mudança nas formas de governo a partir da reconfiguração de biopolíticas relacionadas à comunidade à LGBTQI+. Ela embasará novas políticas que contemplem a diversidade dos modos de vida *queer*, ampliando a aquisição de direitos, podendo contribuir também para a diminuição da assimetria das relações e oportunidades relacionadas à gênero. Espera-se também que se encerre a discussão em torno do conceito do que vem a ser família tradicional, incluindo-se aí, também, a mitigação do preconceito relacionado aos processos de adoção que envolvem casais gays ou lésbicas, por exemplo.

Haverá, possivelmente, também uma mitigação no que tange à violação não apenas do direito, mas dos corpos da comunidade *queer* como efeito da inserção do debate na esfera educacional como parte essencial à formação cidadã. Trata-se aqui da violência simbólica ou física, desde as formas de agressão gratuita até a violação do corpo do intersexual ainda criança no sentido de enquadrá-los ao binarismo de um dos gêneros socialmente aceitos em uma sociedade heteronormativa, como nos coloca Anne Fausto-Sterling (Fausto-Sterling 2000).

Assim, o objetivo de uma *Biologia queer* é sempre a produção de naturalização da diferença que neste caso se expressa pela especificidade desses modos de existência que serão empoderados e que correspondem a condições identitárias reais. Isso quer dizer que também ajudará não apenas na visibilidade, mas na legitimação da luta *queer*. A ciência, assim, se agenciará na luta pelo reconhecimento e valorização da diferença.

Ainda, haverá impacto na relação sujeito/cultura, afetando os processos de individuação e singularização, bem como os modos de subjetivação. A visibilidade chancelada por uma ciência liberta de sua instrumentalização negativa e/ou de seu discurso ingênuo, será essencial para que o *queer* possa ser visto como expressão de desejo e potência, tendo sua resistência e contra-hegemonia reconhecidos como a criação que implica na liberdade de querer ser quem se quer. Para tanto é preciso fazer emergir no interior de uma *Biologia queer* esse novo/outro sujeito do conhecimento,

esclarecido por uma ciência que seja empregada em prol da liberdade que é do outro e que só assim será de todos.

Referências bibliográficas

- Bourdieu, Pierre. “Le champ littéraire”. *Actes de la recherche en sciences sociales*, 89, n. 1 (1991): 3-46. <https://doi.org/10.3406/arss.1991.2986>
- Bourdieu, Pierre. *Sociology in question*. London: Sage, 1993.
- Bourdieu, Pierre, e Terry Eagleton. “Doxa and common life”. *New Left Review*, 191, n.1, (1992): 111-121.
- Butler, Judith. *El Género en Disputa: el feminismo y la subversión de la identidad*. Barcelona: Paidós, 2007.
- Darwin, Charles, e Alfred Russel Wallace. “On the tendency of species to form varieties; and on the perpetuation of varieties and species by natural means of selection”. *Journal of the proceedings of the Linnean Society of London. Zoology*, 3, n. 9 (1858): 45-62. <https://doi.org/10.1111/j.1096-3642.1858.tb02500.x>
- Deleuze, Gilles. “Gilbert Simondon, o indivíduo e sua gênese físico-biológica”. Em: *O reencantamento do concreto*. Cadernos de subjetividade, org. Peter Pelbart e R. da Costa, 97-117. São Paulo: Hucitec. 2003.
- Deleuze, Gilles. *O abecedário de Gilles Deleuze*. Paris: Montparnasse, 1997.
- Deleuze, Gilles, e Félix Guattari. *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia*. v.1. Rio de Janeiro: Ed. 34, 2000.
- Deleuze, Gilles, e Félix Guattari. *O anti-Édipo: capitalismo e esquizofrenia*. São Paulo: Editora 34, 2011.
- Derrida, Jacques. *Gramatologia*. São Paulo: Perspectiva, 2004.
- Derrida, Jacques. *Posições*. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.
- Derrida, Jacques. *Responsabilité et hospitalité. Manifeste pour l'hospitalité*, Paris: Paroles l'Aube, 1999.
- Derrida, Jacques, e Anne Dufourmantelle. *De l'hospitalité: Anne Dufourmantelle invite Jacques Derrida à répondre*. Paris : Calmann-Lévy, 2014.
- Dobzhansky, Theodosius. “Nothing in biology makes sense except in the light of evolution”. *The american biology teacher*, 35, n. 3, (1973): 125-129. <https://doi.org/10.2307/4444260>
- Fausto-Sterling, Anne. *Sexing the Body*. New York: Basic Books, 2000.
- Foucault, Michel. *A arqueologia do saber*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007.
- Foucault, Michel. *A ordem do discurso*. São Paulo: Edições Loyola. 17ed. 2008b.
- Foucault, Michel. *As Palavras e as Coisas: uma arqueologia das ciências humanas*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- Foucault, Michel. *Em defesa da sociedade*. São Paulo: Martins Fontes, 2016.
- Foucault, Michel. *Segurança, território e população*. São Paulo: Martins Fontes, 2008a.
- Foucault, Michel. *Vigiar e punir*. Petrópolis: Vozes, 1999a.
- Garbagnoli, Sara. “Le Vatican contre la dénaturalisation de l'ordre sexuel: structure et enjeux d'un discours institutionnel réactionnaire”. *Synergies Italie*, 10 (2014): 45-67.
-

- Guattari, Félix, e Suely Rolnik. *Micropolítica: cartografias do desejo*. Petrópolis: Ed. Vozes, 2011.
- Hall, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: Lamparina, 2014.
- Horkheimer, Max. *O eclipse da razão*. São Paulo: Ed. Centauro, 2007.
- Kuhn, Thomas. *A estrutura das revoluções científicas*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1994.
- Levinas, Emmanuel. *Totalidade e infinito*. Lisboa: Edições 70, 1980.
- Louro, Guacira Lopes. “Teoria queer: uma política pós-identitária para a educação”. *Rev. Estud. Fem., Florianópolis*, 9, n. 2 (2001): 541-553. <https://doi.org/10.1590/S0104-026X2001000200012>
- Louro, Guacira Lopes. *Um corpo estranho: ensaios sobre sexualidade e teoria queer*. Belo Horizonte: Autêntica, 2018.
- Nietzsche, Friedrich. *Vontade de potência*. Petrópolis: Vozes, 2011.
- Pelbart, Peter. *O tempo não-reconciliado*. São Paulo: Perspectiva, 1998.
- Silva, Tomaz Tadeu. *Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo*. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.
- Simondon, Gilbert. *L'individu et sa genèse physico-biologique*. Paris: Presses Universitaires de France, 1964.
- Simondon, Gilbert. *L'individuation psychique et collective*. Paris: Aubier, 1989.
- Simondon, Gilbert. *La individuación a la luz de las nociones de forma y información*. Buenos Aires: Editorial Cactus y La Cebra Ediciones, 2009.

Recebido: 28 de fevereiro de 2020

Aprovado: 07 de abril de 2020